

## VARIEDADES

## O Sonho

CONTO

*Dedicado á Carrascosa Filho.*

## I

No dia 15 de Junho de 1864, ás 8 horas da manhã, fui despertado por um companheiro de residencia; enquanto vestia-me para ir entregar-me ao trabalho — o fiel companheiro do homem, — lembrei-me de narrar-lhe um sonho que tivera naquella noite; mas, como o tempo era escasso visto que ás 9 horas devia estar em minha repartição, não pude effectuar esse meu desejo, o qual prometti fazel-o, logo que chegasse.

Sahi, e desde que transpuz o limiar da porta da repartição, o tédio me atacava de uma maneira admiravel; fiz um esforço para affastar essa idéa que tanto me incommodava, mas tudo foi baldado.

Os pensamentos tristes, devemos communicar-los, porque, communicando-os parece que sentimos um allivio, e esse allivio opera-se pela attenção que um amigo emprega ouvindo os nossos pezares.

Não podendo luctar contra a dôr moral, pedi ao meu chefe que me dispensasse por aquelle dia, allegando que me achava encommodado; a taes razões promptamente elle cedeu ao meu justo pedido.

Com effeito retirei-me, e chegando a casa achei-a só. Eu entre quatro paredes fiquei mais triste do que se estivesse em meu trabalho.

Sahi á procura de uma distração; entrava nos cafés, ia admirar a natureza no Passeio Publico, contemplando o céu, o mar, a terra, e até mesmo as arvores, tudo isto que inspira no coração do homem um sentimento puro e casto, a mim só inspirava a tristeza, e sempre a tristeza.

Fui a casa mais uma vez; felizmente lá já estava o meu companheiro; não fiquei alegre porque era impossivel, porém fiquei consolado.

## II

B..... Prometti contar-te um sonho que tive a noite passada, espero que me presteis attenção, e depois submetta-me o teu juizo.

O sonho é um presentimento d'alma, segundo o meu pensamento, dou-lhe, não todo o apreço que ligo a um facto, mas aquelle que merece uma esperanza. No momento em que o somno se apodera de nós, morre o corpo porém vive a alma. E' nesse momento que, fatigados pelos muitos trabalhos do dia, mil idéas ennuclão o nosso espirito, e essas idéas, são justamente as que vou narrar-te:

Como sabes, sou filho de longes terras, ha muito que não tenho noticias de minha familia.

Nessa noite de que te fallo achava-me junto della; a angustia se apoderava de todos os coraçãoes:

— Porque?

Porque meu pai se achava moribundo e tinha chegado o momento de entregar sua alma á Deos!

Antes de chegar essa hora fatal despedia-se de todos, quentes lagrimas humedecião-lhe as palpebras como se fossem enviadas pelo coração.

Um movimento extranho eu vi elle fazer, olhou fixamente para o Crucifixo que se achava á sua cabeceira, parece que a mais viva dôr perpassava pelos seus já quasi extenuados membros. O que seria que lhe causára tanta dor?!!

Foi uma triste idéa, tão triste que elle exclamou:

— Meu filho, que é feito desse que me affagava com seus risos innocentes?

Que é feito desse que com sua voz meiga fazia alegrar-se toda a familia?!!

Ah! bem comprehendo, foi para longe de mim para ver-se livre dos meus amigos motejos, foi para gozar de uma nova vida! Talvez que nesta hora solemne em que sinto o ultimo alento da vida, esse ingrato esteja immerso nos braços d'alguuma dessas mulheres que jurando-lhe amor, o conduz para o caminho da devassidão.

Olhem, eu o vejo alli junto de falsos amigos, bebem fazes saudes, riem-se, e eu estou a extinguir!...

Pois bem, o filho que abandona seu pai sem motivo justificado só merece a sua maldição!

## III

Minha mãe achava-se junto ao seu leito, ao ouvir essa palavra terrivel estremeceu.

Postou-se diante do Crucifixo e pediu a Deos perdão para aquelle que levado pela loucura propria da febre, — amaldiçoava seu filho.

Até aqui sua supplica era dirigida á Deos, agora se dirigia ao moribundo.

— Meu esposo:

Houve um dia, em que tudo para nós erão gallas, tudo era risos, foi o dia do nosso hymineo, é por esse dia e por uma união de desoito annos que eu te peço perdão para nosso filho! Perdão para esse que levado pelo entusiasmo proprio da sua idade, deixou a nossa companhia.

Talvez que hoje, na hora em que tu o amaldiçoas, elle esteja luctando com a sorte e com o — destino!

Já não basta a sua desherança para o punir dessa falta, e ainda quereis fazel-o sobrecarregar com o peso da tua maldição? Ah! dize que o perdoas.

— Não!!!

Grossas lagrimas correrão das palpebra de minha mãe — e a essas lagrimas succederão a lembrança de Deos!!.....

Momentos depois aquelle que tinha me lançado a sua maldição — estava morto.

Imagina meu charo amigo as torturas porque passei nessa terrivel noite: E até hoje essa idéa não abandonou o meu espirito. Em todas as che-

gadas de...  
se vou alegre, embriagado na esperan-  
teria boas noticias, volto triste, por não a-  
alguma!

## IV

B..... Ha dous mezes contei-te um sonho, e hoje vejo-o quasi realisado!...

Recebi uma carta de minha mãe; escuta:

F...

11 de Agosto de 1864.

E' com o coração partido pela mais viva dôr que te dirijo estas linhas, se não fosse tão longa a distancia que nos separa, talvez este papel chegasse ainda humidecido pelas minhas lagrimas.

Teu pai foi atacado de uma terrivel molestia, o — typho.

Depois de um mez de grandes tormentos — succumbio!

Na hora fatal, dilyrava. Chamou por ti, e vendo que tu não apparecias, exclamou:

— Não quer vir para não me ver morrer... Deos o proteja.

Acho-me só, pois que Deos chamou a si aquelle que tanto me amava.

Ao receber esta, ordeno-te que partas para junto de mim, e espero que de hoje em diante não caminharás mais nessa vida de desvarios, sou:

Tua extrema mãe

A.....

Bem disse meu pobre pai; Deos o proteja.

« A vida é um sonho, e a morte a realidade. »  
Teve razão este escriptor.

O sonho passou, e chegou a realidade deixando-me orphão de pai!...

Out'ora tive-o bem junto a mim, e hoje só me resta a sua lembrança.

*Manoel Ignacio Ferreira.*

## Revista theatral

Não fallem sobre theatros  
Que o marasmo os atacou,  
Tudo virou de cangalhas  
Depois que o *Souto* quebrou.

E' este o prologo da minha revista.

Leitoras... vamos agora ao mais. Porém esperem um instante, como o tempo não está seguro não quero dizer-vos nada sem passar uma revista em ordem de *marcha*.

Primeiro que tudo vamos occultar o nosso todo dentro da velha farda do *permanente*, depois dire-